



Texto: Marta Almeida Carvalho

Virgínia Ferreira

clube foram “Lobos”, fizeram parte da selecção portuguesa que disputou o Campeonato Mundial de Râguebi em França. Apesar da eliminação, os atletas lusos demonstraram garra e tenacidade e o seu comportamento foi elogiado em todo o mundo. Fomos conhecer melhor os «Lobos» portuenses, o seu percurso no desporto e a experiência de marcar presença na maior prova da modalidade.

Joaquim Ferreira chegou ao mundo do râguebi, e ao CDUP, com 17 anos e aos 34 é o atleta com mais internacionalizações - 84 - a nível nacional. O portuense, empresário, interessou-se pelo râguebi através da influência de amigos, uma modalidade que lhe agrada pelo convívio entre atletas. “Os jogadores sabem que cada um por si não vale nada. É este trabalho de equipa o que mais me fascina no jogo”, refere o jogador 1ª linha, salientando tratar-se de um desporto que tem tudo para caminhar para uma visibilidade crescente. “É um desafio que pode ser lançado, quer à federação, quer aos clubes. É a ambos que cabe ajudar a criar o «hábito» de ver e praticar râguebi, incrementando o bom trabalho que têm vindo a desenvolver”. Em sua opinião, a primeira presença da Selecção Nacional no Mundial da modalidade prova a crescente qualidade da equipa e o empenho dos atletas, em quem diz sentir “muito orgulho”.

A participação da Selecção Portuguesa no Campeonato do Mundo de Râguebi, que se disputou em França, em Setembro e Outubro, trouxe-lhe maior visibilidade. A célebre, e inesquecível, imagem da forma aguerrida, patriótica e orgulhosa como os «Lobos» entoaram o Hino Nacional correu Portugal e o mundo. Alguns dos “Lobos” são portuenses, atletas do Centro Desportivo Universitário do Porto (CDUP).

O râguebi é uma modalidade oriunda do Norte de Inglaterra, trazida para o Porto pelos ingleses aqui residentes, em finais do século XIX. Foi, no entanto, só em 1964, que o CDUP teve a sua primeira

equipa. Depois de décadas de esforço e dedicação, o clube universitário acumulou títulos de relevo, nos vários escalões, tendo já fornecido atletas a todas as selecções nacionais, nomeadamente à que

conquistou o Grand Slam do Torneio das Seis Nações B, em 2002/2003. “O CDUP é o único clube do Norte que se impõe no râguebi nacional”, assegura Gonçalo Borges, director da modalidade e vice-presidente da Associação de Râguebi do Norte. Gonçalo Borges garante, ainda, que o CDUP, na época passada, foi o clube que teve mais jogadores inscritos na federação. A aposta na formação tem sido um dos objectivos do clube universitário, contando, actualmente com cerca de 40 atletas seniores, centenas de atletas nos escalões abaixo dos sub-20 e uma equipa feminina. Três jogadores do



António Lamas

Gonçalo Malheiro, 29 anos, engenheiro civil, é natural do Porto. O gosto pelo rãguebi surgiu aos doze anos quando resolveu «experimentar» a modalidade praticada pelo primo mais velho. Gostou, ficou, e todo o seu percurso desportivo está ligado ao CDUP, à excepção de um ano em que jogou como profissional em Espanha. O facto do rãguebi ser um



António Lamas

desporto que obriga os atletas a funcionar como um todo é um dos aspectos que mais o atrai no jogo. *“A união, o espírito de equipa e de sacrifício vêm ao de cima. Cresci a jogar rãguebi e para mim foi uma escola de vida”*, acrescenta. A sua posição, médio de abertura, faz dele um organizador de jogo. Tem sido uma presença assídua na Selecção Nacional, contando já com 42 internacionalizações. A presença no Mundial foi um marco na sua carreira. *“A experiência foi fantástica, quer a nível de grupo, quer individual. Sinto-me orgulhoso e tenho a certeza de que estes 30 atletas irão sempre ser recordados como uma espécie de «pioneiros»”*, assegura. Apesar do apoio que sentiram, o atleta, que também é treinador dos seniores do CDUP, diz que os portugueses ainda não têm o hábito de ver rãguebi mas que esta pode ser uma boa altura para o desporto se desenvolver. *“O rãguebi do CDUP também merece mais apoios”*, lamenta, referindo-se ao excelente papel que o clube universitário tem tido na área da formação, apesar das parcas condições que oferece aos seus atletas.

Marcelo D’Orey chegou ao rãguebi e ao CDUP com 15 anos, desafiado por colegas que já praticavam aquele desporto. Nasceu no Rio de Janeiro, veio para o Porto com 12 e, desde então, a sua vida tem sido na Invicta. O atleta de 31 anos é casado, tem duas filhas e é advogado. O seu destaque no rãguebi vai para o espírito de



António Lamas

camaradagem que se desenvolve entre os jogadores. Uma época a jogar em Inglaterra provou-lho. *“Ainda hoje tenho bons amigos entre os atletas do clube por onde passei, há já seis anos. A união de grupo é um factor comum a todas as equipas de rãguebi”*, assegura. Em sua opinião, é um desporto completo. *“Tudo me fascina no rãguebi. É um jogo duro mas com regras bem definidas e que apela à inteligência. Ao contrário dos outros desportos, o rãguebi incentiva o contacto físico”*, refere, salientando que o facto de todos dependerem de todos faz com que não haja «vedetismos». O atleta 2ª linha, é também uma presença constante na Selecção da modalidade e conta já com 61 internacionalizações. A experiência de ir ao Mundial em França foi fantástica. *“Foi um sonho que se concretizou. Esta presença foi, para nós, uma espécie de prémio de uma fase de cerca de quatro anos em crescendo”*. ■